

Educação na década perdida

O pioneiro Sistema de Informações sobre Crianças e Adolescentes (Sinca), construído a partir de dados estatísticos dos Ministérios da Previdência Social, da Educação e da Saúde, com apoio do IBGE, foi publicado recentemente. Nele se encontram algumas conclusões fundamentais sobre o ensino brasileiro durante o período que se convencionou chamar de "década perdida". Ao longo dos anos 80, ocorreu um crescimento real da taxa de escolarização das crianças brasileiras de todas as faixas de renda. A razão disso está no aumento da oferta de vagas no sistema escolar, a qual repercutiu até mesmo na escolarização das crianças de famílias que tinham como renda um quarto de salário mínimo per capita; nesta faixa, a taxa de escolarização era de 61% em 1981; em 1989 saltou para 72%. Os dados alentadores do Sinca começam e terminam nos aspectos quantitativos. Os níveis de repetência e de evasão, no entanto, foram os mesmos no começo e no final da década. Com relação à qualidade do ensino ministrado, pode dizer-se que os anos 80 foram realmente perdidos.

Começamos e terminamos a década com a mesma repetência: 20%. O índice de evasão piorou: de 10%, em 1981, para 13% em 1989. Resultado: temos uma das mais baixas taxas mundiais de média de anos de estudo, 4,7.

Não podemos esquecer a pesquisa da Educational Testing Service. Ela mostra que, entre jovens de 20 países, os estudantes brasileiros só sabem mais Matemática que os moçambicanos. Em Ciências, ficamos em último lugar. Há pior: a pesquisa da entidade americana provou que o ma-

logro do ensino brasileiro é igual, seja em São Paulo seja em Fortaleza. Não há ilhas de excelência no País, exceto em alguns pequenos grupos socialmente bem situados.

É óbvio que se o Brasil pretende desenvolver uma série política educacional, os dados do Sinca serão levados em conta. Dados estatísticos servem para isto: orientar o planejamento de políticas públicas. O Sinca demonstra que a criança brasileira já está na escola: nos grupos sociais com rendimento acima de dois salários mínimos, a taxa de escolarização chega a 97%! Nossa problema não é mais tijolo e cimento em termos de Educação. Isso foi feito até mesmo na "década perdida". O que não se faz é ensinar, de fato, a criança que está na escola. Os dados do IBGE nesse estudo apontam para o fato de que, para cada mil alunos novos no ensino fundamental brasileiro, apenas 250 chegam à oitava série!

Estes dados deveriam levar o governo Collor de Mello — neste início da década dos 90 — a repensar sua política educacional, se é que ela chegou a ser formulada claramente. Não se reverte essa dramática situação com tijolo e cimento, mas com investimentos em recursos humanos.

